



PERU

Incertezas à vista

Congresso elege o esquerdista José María Balcázar para liderar o país até as eleições de abril. Analistas temem instabilidade e defendem a adoção da “morte cruzada”, que prevê dissolução do Legislativo e antecipação do pleito, em caso de destituição do chefe de Estado

» RODRIGO CRAVEIRO

Ao longo da última década, o Peru comportou-se como um trem em descarrilamento frequente, com sete maquinistas (chefes de Estado) tentando recolocar de volta aos trilhos a locomotiva transportando 34 milhões de passageiros. Na noite de ontem, o Congresso se reuniu, em caráter extraordinário, para escolher o oitavo presidente, em votação com cédula de papel e urnas de prata. Em uma primeira votação, nenhum dos quatro candidatos a presidente da República obteve a maioria simples dos votos — 59 dos 117 votos de deputados presentes. Os dois mais votados, o ex-juiz José María Balcázar (Perú Libre, com 46 votos) e María del Carmen Alva (Acción Popular, com 43), disputaram o segundo turno. À 0h de hoje (pelo horário de Brasília), o esquerdista Balcázar foi eleito para comandar o país até as eleições de 12 de abril. Dos 113 votos na nova rodada, ele obteve 60 votos, enquanto María del Carmen ficou com 46. A única certeza entre especialistas, no entanto, era a de que o futuro próximo do país estará marcado por uma série de incertezas e instabilidade.

Na terça-feira, o líder interino José Jerí não sobreviveu a uma moção de censura, acusado de falta de idoneidade e má conduta funcional. A Procuradoria Geral da República fez diligências no palácio, em busca de contratos firmados por Jerí, supostamente envolvido em lobby com empresários chineses.

A cientista política Paula Távora, professora da Pontificia Universidad Católica del Perú, explicou ao **Correio** que o país tem enfrentado anos de instabilidade permanente. “Isso causou muita desesperança e índices elevados de migração. Não creio que a censura a José Jerí e a escolha do líder interino se misturem à campanha eleitoral e à eleição do novo governo. A não ser que haja algum movimento muito crítico, duvido em um efeito imediato ou direto sobre o pleito de 12 de abril”, afirmou.

Segundo ela, María del Carmen Alva liderou o Congresso, entre 2021 e 2022, e apresentou “níveis altíssimos de desaprovação”. “Sua gestão esteve muito distante dos cidadãos. Além disso, ela justificou a repressão ocorrida durante os primeiros dias de governo de Dina Boluarte”, comentou.

Professor de ciência política da Pontificia Universidad Católica del Perú (em Lima), Eduardo Dargent considera difícil prever o impacto da instabilidade política até as eleições. “Existe um desinteresse muito elevado na escolha do próximo presidente da República

Congresso do Peru/AFP



Vista geral da sede do Legislativo durante sessão extraordinária, em Lima: 117 deputados marcaram presença para escolher o próximo mandatário

Congresso do Peru/AFP



José María Balcázar deposita a cédula eleitoral na urna de prata: surpresa

e do Congresso”, explicou à reportagem. O especialista aposta que o líder interino escolhido ontem não terá a confiança dos cidadãos e contribuirá para o fortalecimento da polarização política e a contestação do resultado das urnas. Ele avaliou Balcázar como um “desastre”. “É um político muito questionado”.

De acordo com Dargent, nem mesmo a eventual substituição de todos os congressistas na próxima Legislatura seria garantia de estabilidade. “Se mantivermos essa maneira de fazer política, nada mudará. Hoje, o Congresso é usado para obter benefícios do Poder Executivo. Isso criou uma política de submissão, inclusive com deputados pedindo

cotas nos ministérios. Existe uma dinâmica assentada na política peruana”, observou. Ele defende que uma solução seria a adoção da chamada “morte cruzada”, um mecanismo no qual a destituição de um presidente da República leva à convocação de eleições gerais. “O Peru também foi marcado por presidentes que perderam toda a legitimidade. Como se mantém um controle parlamentar à parte e se evita abusos?”, questionou Dargent.

Rotina

Para Rodrigo Barrenechea, professor de ciência política na Universidad del Pacífico (em Lima), as

Congresso do Peru/AFP



María del Carmen Alva, ex-líder do Congresso entre 2021 e 2022

mudanças de presidente no Peru deixaram de ser uma crise. “Elas se tornaram rotina. De qualquer forma, os partidos que conseguirem eleger o presidente arcarão com a responsabilidade pelo seu desempenho. Por isso, tentarão se distanciar o máximo possível do governo”, disse ao **Correio**. “As eleições ocorrerão daqui a dois meses e duvido que haja mudanças. Os partidos no Congresso estão enviando sinais ao eleitorado por meio de seus votos, demonstrando o seu poder de eleger e destituir chefes de Estado.”

Barrenechea concorda com a instigação da “morte cruzada” como

medida para corrigir as distorções da política peruana. “O Equador introduziu esse mecanismo. Com ele, a destituição de um presidente significaria a dissolução do Congresso e um novo pleito. Isso introduz incentivos para não utilizar a vacância”, acrescentou. Ele considerou inesperada a grande votação de Balcázar na primeira rodada de votação no Congresso. “Balcázar prometeu dar indulto ao ex-presidente Pedro Castillo, se fosse eleito. Ele é o candidato do mesmo partido de Castillo”, observou, ao citar o professor e líder sindical que governou o Peru entre 2021 e 2022, tentou um golpe e foi condenado a 11 anos e meio de prisão.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“As forças atuais poderiam dar lugar a uma estabilidade, mas ela poderia não ser necessariamente boa e destruir as políticas públicas. Não se pode ter uma estabilidade para seguir saqueando o país e estabelecendo uma politização do clientelismo nos espaços de governo e o enfraquecimento das estruturas que possibilitem melhor governança.”

EDUARDO DARGENT, professor de ciência política da Pontificia Universidad Católica del Perú

Arquivo pessoal



“As ditaduras militares não retornaram ao Peru ou à América Latina desde a década de 1980, mas há sinais de erosão democrática no Peru. Desde o governo de Dina Boluarte, houve um aumento nas restrições à liberdade de expressão, às liberdades civis e ao equilíbrio de poder. Isso foi documentado por todas as organizações que monitoram o estado da democracia.”

RODRIGO BARRENECHEA, professor de ciência política na Universidad del Pacífico (em Lima)

Arquivo pessoal



“A instabilidade política no Peru requer mudanças nas normas eleitorais. A forma com que se compõe o poder no Congresso indica que a Câmara dos Senadores será muito poderosa, com grande capacidade de seguir derrubando presidentes, enquanto essa decisão não sofrer ajustes. Uma solução passa pela limitação do Poder Legislativo ou a vitória, em abril, de um candidato que tenha força majoritária no Parlamento e que seja capaz de controlar as negociações.”

PAULA TÁVORA, professora de ciência política da Pontificia Universidad Católica del Perú

REDES NO TRIBUNAL

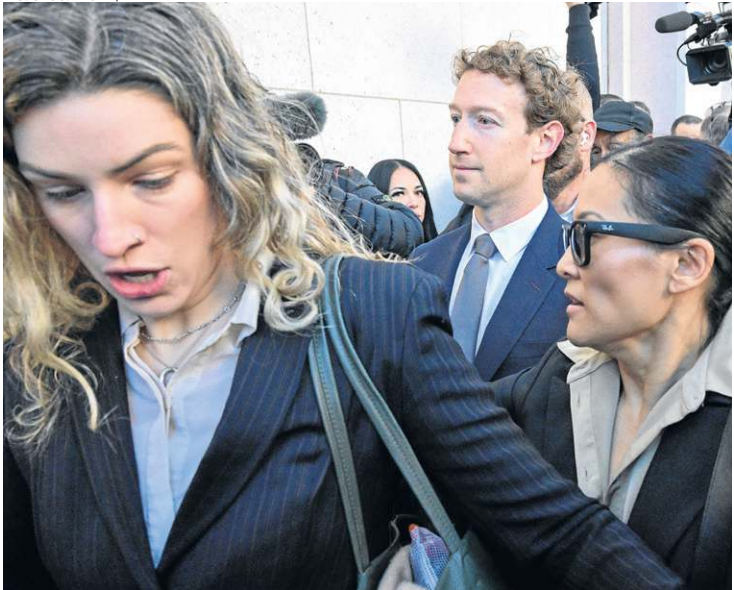
Zuckerberg depõe sobre saúde mental de jovens

Em um depoimento considerado histórico, o CEO da Meta, Mark Zuckerberg, lamentou que o Instagram tenha demorado a tomar medidas para detectar usuários menores de 13 anos, durante julgamento sobre vício em redes sociais, na cidade de Los Angeles. Ao ser interrogado sobre queixas de que a empresa não faz o suficiente para verificar se menores de 13 anos estavam usando a plataforma, o bilionário respondeu que melhorias tinham sido implementadas. “Poderíamos tê-lo feito antes”, ressaltou. Foi a primeira vez que Zuckerberg — dono do Facebook, do Instagram e do WhatsApp — pronunciou-se perante um júri sobre a segurança de suas plataformas. Inicialmente, o executivo de 41 anos mostrou-se bastante contido, segundo um jornalista

da agência France-Presse (AFP) presente no tribunal. Depois, deu sinais de incômodo, balançou a cabeça e gesticulou ao se voltar para o júri. O julgamento pode abrir precedente legal para milhares de processos movidos por famílias americanas contra as principais plataformas de redes sociais.

Os 12 jurados escutaram o depoimento, cada vez mais tenso, enquanto o advogado da demandante, Mark Lanier, pressionava Zuckerberg sobre a verificação de idade e sua filosofia para a tomada de decisões na empresa gigante de redes sociais que controla. O julgamento se estenderá até o fim de março, quando o júri vai decidir se o YouTube, do Google, e o Instagram, da Meta, foram responsáveis pelos problemas de saúde mental de Kaley G.M., 20, moradora do

Frederic J. Brown/AFP



Mark Zuckerberg, CEO da Meta, chega à Corte Superior de Los Angeles

estado da Califórnia, que começou a usar o YouTube aos 6 anos, o Instagram aos 11 e, posteriormente, TikTok e Snapchat.

O Instagram não permite usuários menores de 13 anos, mas Lanier pressionou Zuckerberg sobre o fato de Kaley ter se cadastrado facilmente na plataforma. A norma consta dos termos de uso, um texto que, segundo o advogado, não se pode esperar ser lido por uma criança.

“No lugar certo”

Zuckerberg foi confrontado com um documento interno segundo o qual o Instagram tinha 4 milhões de usuários menores de 13 anos em 2015 — época em que a demandante começou a usar o aplicativo — e 30%

das crianças com idade entre 10 e 12 anos eram usuárias da rede social nos Estados Unidos. “Agora estamos no lugar certo”, afirmou o CEO da Meta, referindo-se à verificação de idade. Ele acrescentou que novos métodos e ferramentas serão adicionados com o tempo.

Lanier passou a argumentar que, quando a aplicação da norma era mais branda, jovens como Kaley também estavam expostos aos esforços da Meta para aumentar o tempo que os usuários passavam em seus aplicativos. “Antes, sim, tínhamos objetivos relacionados com o tempo”, admitiu Zuckerberg. Ele afirmou, no entanto, que a meta da empresa sempre foi “criar serviços úteis que ajudem as pessoas a se conectar com quem quiserem e a conhecer o mundo”.